

Stellinha Egg



Museu da Imagem e do Som

GOVERNO DO ESTADO
PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

mis MUSEU
DA IMAGEM
E DO SOM

Caderno nº 21

Se você encontrar erros na digitalização desse volume,
tiver informações adicionais sobre Stellinha Egg e Gaya,
ou acesso a alguma material de áudio/vídeo do casal,
por favor, entre em contato conosco através do Blog
www.atrilha.blogspot.com

Digitalizado por Tuco Egg.
Disponível em www.atrilha.blogspot.com.

CRÉDITOS:

JAIME LERNER

Governador do Estado do Paraná

LÚCIA MARIA GLÚCK CAMARGO

Secretária de Estado da Cultura

JOSÉ CARLOS DE MELLO

Diretor-Geral

FRANCISCO CARLOS NOGUEIRA

Diretor do Museu da Imagem e do Som

**VALQUIRIA ELITA RENK
RITA DE CÁSSIA BEZERRA**

Pesquisa - Elaboração

MARCEL LUIZ ESCOBEDO

Assistente de Pesquisa

MÁRCIO BANDEIRA

Foto página 35

PERCY TAMPLIN

ARTHUR ACASTRO EGG

ANDRÉ EGG

Agradecimentos

TERESA CRISTINA MONTECELLI

Coordenadora de Desenho Gráfico

MARIA HELENA F. C. ADONIS

Projeto Gráfico e Arte **Final** - CDG

VALQUIRIA ELITA RENK/RITA DE CÁSSIA BEZERRA/SEILA

HIBA

Revisão

ERNANI CHAERKI / ARNO SIEBERT

Produção Gráfica - CDG

STELLINHA EGG

Este caderno busca, mais que fazer uma pequena biografia, prestar uma reverência toda especial - ainda que tardia - a essa que foi uma das maiores representantes da legítima MPB. É nossa maneira simples e sincera de homenagear a artista que marcou o panorama artístico nacional e soube tão bem nos representar pelo mundo afora.

Ao lado de seu querido Gaya - maestro, marido, companheiro, cúmplice - sobre quem este caderno também um pouco se debruça, podemos contar a todos o quanto Stellinha era apaixonada pelas nossas coisas, pela nossa gente. Mas, sobretudo, como era explícita sua felicidade por sair mostrando nossas canções, nossas músicas. Aqui ou lá fora.

E também nós do MIS ficamos imensamente felizes de colaborar, mesmo que minimamente, a que se lembrem dela - sempre!

E para aqueles que não a conhecem, oferecer um primeiro passo, quem sabe, de incentivo.

Stellinha foi uma das maiores - entre as maiores - artistas que este país já teve. F, prestar-lhe esta pequena homenagem não é mais do que nossa obrigação. Se todos puderem pesar a sua importância na história da música brasileira, não será difícil imaginá-la, num vestido de nuvens, lá no céu, felicíssima, entoando as modinhas de toda a gente. Gaya ao piano, às vezes Tom, com Vinícius e Catulo nos vocais.

FRANCISCO CARLOS NOGUEIRA

Diretor do MIS

Dez/98

A FAMÍLIA



Stella Maria Egg Gaya, a *Stellinha Egg*, nasceu em Curitiba, numa fria manhã de inverno em 18 de julho de 1914. Filha de Carlos Egg e Estela Campos Egg, que tiveram seis filhos: Juvita, Renê Carlos, Stellinha, Arthur, Daniel e Rosinha. Segundo Stellinha, o seu interesse pela música já vem da família, pois o pai tocava flauta e a mãe bandolim em sua casa, nas reuniões festivas e os filhos formavam o coro.

Esse ambiente influenciou os irmãos Egg a seguir na vocação: Stellinha foi a grande cantora de renome nacional e Internacional; Carlos Renê também cantava e gravou cerca de 30 discos, mas sempre na Igreja; Arthur e Jovita cantavam no coral da Igreja. Além disso Ludovico Carlos Egg, parente por parte de pai, foi proprietário do Teatro Hauer, era grande musicista, tocava trompa, piano e tinha um coral de 120 vozes no Tirol, Áustria. A sua tia Heloísa tocava cítara e era uma pessoa de renome na Europa. *"Talvez tudo isso, esse amálgama todo de sangues e de intuições artísticas tenha dado uma influência na minha vida."*

O COMEÇO



O interesse pela música se manifestou desde cedo.

A explicitação do veio artístico de Stellinha Egg começou cedo. Aos cinco anos foi sua estréia num espetáculo na Igreja Presbiteriana, "roubando" a cena. Enquanto os pais ensaiavam, a pequena Stellinha ficava por perto, brincando, mas acompanhando tudo. No dia da festa, na hora da apresentação, ela começou a chorar. Como não ficava quieta, levaram-na ao palco. Para surpresa de todos, ela começou a cantar e foi seu primeiro show.

A partir daí, continuou a cantar em casa, na Igreja e festinhas. Poucos anos mais tarde, participou de um concurso de música, promovido pelos Diários Associados e, sem que seus pais soubessem, inscreveu-se. Entre quase trezentos

candidatos, Stellinha conquistou o primeiro lugar, cantando "Casa de Caboclo", de Heckel Tavares, "Vingança", de José Maria de Abreu, e "Luar do Sertão", de Catulo da Paixão Cearense. Como prêmio pelo concurso, ganhou um contrato para apresentações nas Rádios Tupi de São Paulo e Rio de Janeiro.

Um apoio marcante na carreira de Stellinha foi do grande amigo de infância Alceu Bocchino - maestro -, que acabou sendo seu primeiro professor de música. *"Eu não tinha conhecimento nenhum, eu cantava intuitivamente... O Bocchino me botou na realidade das coisas, transformando as canções prá mim em verdadeiras coisas de mistério que vêm à tona."*²

Stellinha e o Maestro Bocchino se conheciam desde crianças e se tratavam como irmãos. Ele reconheceu nela desde cedo uma cantora nata, que era intuitiva, musical e sensível. Alceu Bocchino ensinou-a a "interpretar", valorizar o que uma letra diz, tirar sons de uma palavra, de uma frase e fazer poesia com a melodia.³

Ainda jovem, aprendeu a tocar violão e fazer pequenos shows para estudantes em Curitiba (isto com 13, 14 anos de idade).

Seu primeiro recital foi no Teatro Guaíra (Guayra), cantando com violão, em benefício de uma instituição social denominada Tio Paulo, em Curitiba, em 1935. O repertório era formado de música popular brasileira, e nomes como Ary Barroso e Noel Rosa.

PROGRAMAS DE RÁDIO

A LOIRA QUE O PARANÁ NOS MANDOU"



Na era do rádio

Foi nos anos 30 que ela começou cantar no rádio, em Curitiba, na Rádio PRB - 2 (Rádio Clube Paranaense), inúmeras vezes acompanhada ao piano pelo Maestro Bocchino. Naquela época os cantores se apresentavam ao vivo nos programas.

Quando Stellinha resolveu seguir a carreira de cantora, foi um grande susto para a família. A sociedade de costumes conservadores da época via a profissão com muitas restrições, ainda mais se tratando de uma mulher. Primeiro porque largava o cargo de professora e também porque *"naquela época, a família brasileira, em geral, julgava que ser músico,*

ser cantor; era uma espécie de loucura, que não em possível viver disso." (palavras ditas por Stellinha). Mas, o que ela ganhava num programa de rádio, em São Paulo, era mais do que o salário mensal de uma professora, aqui no Paraná. Assim que ela decidiu seguir a carreira, ninguém mais a segurou.

Logo depois, foi contratada pela Rádio Tupi de São Paulo, passando a cantar também nas rádios São Paulo e Cultura, onde conheceu o pianista e regente Lindolpho Gaya, com quem se casaria em 1945. Juntos, eles se transferiram para o Rio de Janeiro, onde Stellinha foi contratada pela Rádio Tupi. Nesta emissora permaneceram por seis anos.

Stellinha também fez parte do elenco da Rádio Nacional, ao lado de Emilinha Borba, Marlene, Dircinha e Linda Batista, Dalva de Oliveira, Cezar de Alencar, Manoel Barcelos, Ivon Cury e Celso Guimarães - que eram os grandes nomes do rádio no Brasil. Ela fez parte deste grupo de estrelas.

Esta foi a época de ouro do rádio. Os programas de auditório eram muito disputados pelos fãs para ver as suas estrelas. Talvez pudéssemos dizer que equivaliam aos programas de auditório de televisão de hoje. Stellinha foi uma grande estrela do rádio, e, apesar de não ter sido tão famosa quanto Marlene ou Emilinha Borba, continuou a vida artística por muitos anos depois da época do rádio. Nessa época, Stellinha tinha um programa exclusivo, diariamente, onde era acompanhada por Gaya ao piano e pelo Maestro



Aniversário - William Duba, através de seu programa na Emissora Metropolitana, homenageou Estelinha Egg pela passagem de seu aniversário natalício. Os fans invadiram o estúdio levando a cantora <> valor do seu entusiasmo.

Lyrio Panicalli. Ali cantava músicas de Catulo da Paixão Cearense, Ernesto Nazaré e outras modinhas, serestas, canções regionais e folclóricas.

Stellinha tinha um repertório vasto, composto, principalmente, de músicas brasileiras, a começar por "Luar do Sertão", de Catulo da Paixão Cearense, que fez muito sucesso. Também gravou músicas de Dorival Caymmi, como "O Vento" e "O mar", que foram premiadas pela crítica carioca de música. É considerada a cantora que mais gravou músicas de Catulo da Paixão Cearense. Sempre cantou a riqueza de sons e ritmos da música brasileira, como chorinhos, maxixes, sambas-canções, sambões, entre outros, no Brasil e no exterior.

A PARCERIA COM GAYA



O casamento em 1945, uma parceria para toda vida.

Falar de Stelinha Egg é também falar do Maestro Gaya. A vida afetiva e profissional dos dois entrou em sintonia desde que se conheceram, na Rádio Tupi do Rio de Janeiro, na década de 40, e só terminou com a morte. Mas o namoro e o casamento só ocorreram alguns anos mais tarde, em 1945. Foi um amor para a vida toda. Assim, é difícil separar o trabalho de Stelinha dos arranjos do Maestro Gaya. A convivência harmoniosa do casal era o retrato da sintonia (musical, profissional e pessoal) que havia entre eles. Para o irmão Arthur A. Egg, *"eles eram um casal cem por cento unido porque ela amava muito o marido e ele a considerava de maneira tremenda,... até na hora da morte. Ele era a bondade personificada para ela e para todos nós."*⁴

Artisticamente falando, ainda quando estavam noivos, ele começou a compor os arranjos para as músicas que ela cantava. Ele selecionava e a ajudava a formar o repertório de mais de mil músicas. Havia entre os dois uma grande afinidade artística e, segundo ela, *"nesse processo vibrávamos, tínhamos a mesma sensibilidade que as nossas vidas só poderiam continuar juntas. E tanto que continuou tanto artisticamente como na vida particular, uma vida de sonhos, rica."*

Gaya era um dos maestros, regentes e arranjadores da Rádio Nacional, no período áureo do rádio. Ele e Stelinha faziam parte do programa de César de Alencar (considerado como o mais famoso da época), onde Emilinha Borba era a

grande estrela. Com o advento da televisão, os programas de rádio perderam um pouco a audiência, o glamour e o espaço que mantinham com os ouvintes. Entram em cena os programas de auditório de televisão.

Para Stellinha, a sua união com Gaya *"foi a realização artística mais importante na minha vida — a união de duas vidas que se dedicavam com grande amor à música"* . Ela sempre atribuía ao Maestro Gaya os méritos e sua carreira.

OS DISCOS E O SUCESSO INTERNACIONAL



Stellinha Egg com alguns de seus discos.

Ao todo foram 180 discos gravados (78 rotações) e 20 LPs gravados ao longo de sua carreira. É a cantora brasileira que mais gravou músicas de Dorival Caymmi. As gravações começaram em 1944, pela gravadora Continental, com a toada "Uma lua no céu ... outra no mar", de Jorge Tavares e Alaíde Tavares, e o côco "Tapioquinha de Côco", de Tavares e Amyrton Valin.

Na década de 50 foi eleita, por três vezes, a melhor intérprete da música folclórica brasileira. Cantando "O vento" e "O mar", de Dorival Caymmi, recebeu a medalha de ouro, que lhe foi entregue no programa do jornalista Bricio de Abreu, na Rádio Tupi do Rio de Janeiro e o Disco de Ouro do jornal O Globo e da Rádio Globo (1959). Com a premiação, ela e Gaya viajaram por doze países da Europa e, em especial, por 36 cidades da Polônia. No velho continente, Stellinha gravou discos de música brasileira. Apresentou-se (com seu marido) em espetáculos nos principais teatros e televisões.

Pelo sucesso que fez, era mais conhecida no exterior do que no Brasil. Em Portugal, com orquestra e coro, gravou oito canções: *Menino de Braçanã*, *Zum-Zum*, *Peixe vivo*, *Farinhada*, *Cantigas do meu Brasil*, *Sodade matadeira*, com a gravadora R.C.A. ("A voz do dono"). Pela gravadora Odeon gravou o tape das "Cantigas de roda", gravadas em L.P. e também o disco "Vamos todos Cirandar" e lançou compactos em Portugal e nas colónias. Apresentou-se também na boate "Tagide" e "Palm Beach" e em programas semanais na Emissora Nacional .



Estreou na Polydor através de um "standard" no qual apresenta "Boi Barroso" e o baião "Pregão". Stellinha terá também um LP lançado pela Polydor, no qual já incluiu um dos mais expressivos êxitos: "O Vento" que constitui a sua melhor gravação quando de sua estada na RCA.

"... estava reservada uma surpresa ao público que aconteceu a assistir Stellinha.... encontrar-se perante uma artista de excepcional grandeza, com uma personalidade e um talento que a situou para além do melhor que nos tem sido apresentado." (*Diário de Notícias, Portugal.*)

Na Rússia (antiga União Soviética), gravou trinta e seis canções brasileiras, distribuídas em LPs, através da marca do governo. Participou do filme "Folclore em cinco países", em technicolor, representando o quadro macumba e côcos, cantando, dançando, vivendo todo o ritual. Trabalhou, no "Teatro Strada", em espetáculos diários. Na Cidade Universitária, realizou um espetáculo para mais de dois mil estudantes e conseguiu que cantassem juntos "Zum-Zum" e "Peixe vivo".

Fez um recital, na Sala Tchaikowski, de música brasileira, com grande orquestra e sob a regência do Maestro Gaya, além de inúmeras outras apresentações no teatro e na televisão.

"... não é somente a cantora de voz magnífica e modulada. Stelinha Egg é, sobretudo, uma grande atriz dramática de recursos extraordinários, vivendo e fazendo-nos sentir o que canta.... não faz diferença que as palavras sejam pronunciadas numa língua estranha, pois ela, com a sua arte expressiva, fala a todos os povos na mesma linguagem..." (Constantin Vishnevetski - A Tarde - Moscou)

Na Ucrânia, apresentou-se inúmeras vezes em Kiev, na televisão em cores, com crianças, as quais ensinou cantigas de roda brasileiras.

Na Polônia, cantou no Palácio da Cultura totalmente lotado. No Teatro La Guardia, fez espetáculos populares, com mais de 3.000 pessoas na platéia, faltando lugares para todos que queriam assistir. O público invadiu o teatro, arrombando as portas e sentando-se *no* chão para acompanhar

o show. Apresentou-se, ainda, em programas de televisão, e gravou 36 músicas brasileiras para o selo Muza. Fez também um filme com o nome "Cantos e Danças Brasileiras", distribuído pelos países da Europa Oriental. Assistiu a concertos na casa onde nasceu Chopin, como convidada do governo da Polônia. Juntamente com Gaya, recebeu medalha de ouro e carteira de hóspede de honra do governo Polonês no Congresso de Folclore realizado em Varsóvia, durante a Festa da Juventude, onde Gaya atuou como juiz num concurso de canto.

Na França, residiu durante algum tempo, gravou o elepê "Chants Folkloriques Brésiliens" e editou o repertório do elepê "Músicas do nosso Brasil". Foi estrela do filme "Bela Aventura", em que aparecem inúmeras paisagens do Brasil, em cores. Também apresentou-se para estudantes na Cité Universitaire, nos programas de rádio e também nas boites "Carroussel" e "Montparnasse".

"... Stelinha Egg est la plus remarquee specialiste de l'art populaire brésiliens. Elle nous donne un rapide mais très savoureux authenticité aperçu de crís de la rue, ceux des vendeurs des merchandes des fieures, bien doutre encore.

Tapage éblouissant et d'une couleur nouvelle qui termine heureusement ce disque, que nous recommandons vivemenl. " (Henry Jacques) "Disque" , Paris."

Em Helsinque (Finlândia), apresentou-se na Rádio Helsinque, no Conservatório de Música e no Cassino dos Lagos, sempre acompanhada pelo Maestro Gaya. Participou do filme "Festas de São João", de Jan Haaker, alusivas a festa desse Santo junino.

Em Roma participou de inúmeros shows, programas de rádio e televisão.

Em outra turnê pela Europa, em 1973, Stellinha e Gaya também participaram de filmagens para televisão em Bucarest, em Frankfurt, em Londres, Lisboa e em Paris. Além disso, participaram de inúmeros programas de rádio, apresentações em teatros, salas de espetáculo e também em gravações de programas infantis com crianças cantando cantigas de roda do Brasil. Gaya regeu orquestras famosas, assinou contratos e editou um LP. Stellinha, também, nessa época, gravou mais um LP em Portugal.

Stellinha relata um fato curioso que aconteceu em Paris, mais exatamente nas escadarias da Igreja do Sacre-Coeur. *"Na grande e branca escadaria que tem na frente da velha igreja, houve um encontro nosso com jovens, que, sentados nos degraus, cantavam músicas de todas as partes do mundo, acompanhados por três violões, que passavam de mão em mão. Um não entendia a língua do outro. Isto se passava com a maioria, que era composta de moços chineses, pretos africanos, mexicanos, poloneses, italianos e franceses. Mas a melodia - o ritmo e o som - tinha a mesma significação: todos a entendiam e cantavam juntos. E nós também nos sentamos nos degraus, e um dos violões, não sei como, também veio parar nas minhas mãos. E eu e Gaya começamos a cantar simplesmente a nossa música e, aos poucos, todos a cantavam também. Com o cair da noite, fomos para uma ruazinha ao lado da igreja, para um teatro velho em ruínas,*

que é conservado em pé, pelo amor dos artistas, que o pintam e reformam. E ali varamos a noite até o amanhecer, sem sentir passar o tempo, cantando as nossas músicas e as deles, ouvindo versos, dando e recebendo amizade, com gente que nunca tínhamos visto e que nunca mais íamos ver, mas que a música e o amora arte uniu naqueles momentos.”⁶

Somente o carisma de Stelinha e do Maestro Gaya para animar e empolgar as platéias do mundo inteiro. Pela alegria contagiante, foram aplaudidos por platéias com mais de 6.000 pessoas, como no Teatro Nacional de Moscou. Também não foi difícil para o casal conseguir que jovens de países com línguas tão diferentes cantassem músicas como Peixe Vivo e Zum-Zum. Por todo esse reconhecimento ao trabalho artístico do casal, ficaram conhecidos no mundo inteiro e deixaram saudades.

A IDENTIDADE COM A MÚSICA BRASILEIRA OS SHOWS: "Brasil Raízes Musicais" e "Andanças"



Stelinha e Gaya durante show "Andanças".

"A música é tudo para mim. Sempre fez parte da minha vida. É como o ar que respiro"(Stelinha Egg)

A vida artística de Stelinha foi pautada pela divulgação da música e dos ritmos do Brasil. Para produzir os shows "Brasil, Raízes Musicais" e "Andanças", o casal percorreu o país, pesquisando, conhecendo e ouvindo ritmos que fazem parte da musicalidade do povo. *"Temos percorrido região por região do Brasil, pesquisando e recolhendo elementos das nossas raízes musicais, do nosso folclore. E esse vasto material é mostrado e exposto no espetáculo que estamos apresentando aqui"*, palavras ditas por Stelinha.⁷

Na volta da Europa, em 1974, o casal produziu o show "Brasil, raízes musicais". Esse contava a história da música brasileira desde o lundu até a bossa nova. Foi apresentado em todo o Brasil, principalmente nos auditórios da universidades.

A partir de 1975, o sucesso repetiu-se com o show "Andanças", que foi a continuidade do show anterior. Andanças era a comemoração dos 30 anos de carreira artística do casal. Era um resumo da cronologia musical brasileira, desde pregões, modinha, lundu, samba de roda, samba e bossa nova. Por inúmeros anos seguidos, o show foi apresentado no Brasil inteiro.

À pesquisa sobre os ritmos apresentados nos shows acima citados demandaram anos de busca pelo país. Stelinha afirma que nesta pesquisa *"tínhamos recolhido um vasto material e então sentimos a necessidade de mostrar isso a todos os brasileiros, principalmente aos mais jovens. Levamos o projeto à FUNARTE, que prontamente nos atendeu, dando-*

nos condições de levar "Andanças" a várias cidades brasileiras". Com o apoio da FUNARTE, o show pôde ser apresentado gratuitamente em quase todas as universidades do país. E, assim, concretizava-se a expectativa de Stelinha de que os jovens conhecessem mais a música brasileira.

Apesar da familiaridade com o palco, os auditórios lotados para os shows ainda eram uma grande emoção para Stelinha. Com uma agenda lotada de apresentações nos teatros universitários, o casal era aplaudido em pé pelos estudantes enquanto percorria o país. Em Campo Grande, por exemplo, em 1977, o teatro com 3.000 lugares eslava completamente lotado.

Andanças era definido pelo casal como um *"show musical que, além de entretenimento próprio desse tipo de espetáculo, se propõe a apresentar toda uma época de música popular e folclórica brasileiras e que, principalmente o público mais jovem, nem sempre tem oportunidade de ver e discutir."* Alguns denominavam de show didático, como uma aula musicada sobre a música brasileira.

"O espetáculo representa a resultante das andanças que eu e o Gaya realizamos pelo Brasil. Nele está retratada nossa vivência com a música e os costumes de todas as regiões brasileiras, de todas as épocas. Canto, danço, dando uma visão panorâmica de nossa música, desde a sua origem afro, passando pelos pregões, cantigas de roda, lendas, modinhas, rituais. Gaya conta a história do samba, passando pelo maxixe, chorinho, sambão. Tudo isso bem ilustrado,

bem ambientado."⁸

Nas cidades onde o show era apresentado, caracterizava-se como uma oportunidade imperdível de conhecer a história da música popular brasileira. Não era o interesse financeiro que os motivava a divulgar o show, porém que mais pessoas tivessem a oportunidade de conhecer as origens da música brasileira. E o que era apresentado demonstrava isso: a seleção das músicas, dos pregões e dos ritmos objetivava atingir um público com um repertório musical que era *"marginalizado por nossos meios de comunicação... que representa um acervo cultural importante de nossas tradições musicais"*, conforme o Maestro Gaya. O show Andanças permitia essa divulgação cultural, pois, à medida que era apresentado no Brasil, a juventude tinha oportunidade de conhecer uma parte da história da música popular brasileira, e a memória da cultura popular era preservada. Daí a importância do apoio recebido da FUNARTE.

No palco, os pregões, as telas, as cerâmicas do Vale do Jequitinhonha, os grupos de bonecos de maracatu, o bumba-meu-boi, permitiam um "passeio" pelas manifestações culturais do povo. Esse show era um espetáculo de manifestações folclóricas (cantigas de roda, lendas, cantos de trabalho), música popular e danças (côcos, maracatus). Era um espetáculo de luz e som, que não se enquadrava nos padrões normais que a burocracia queria enquadrar, e isso representava uma dificuldade para o casal de artistas em "encaixá-lo" numa só modalidade, até para pleitear verbas junto aos órgãos oficiais.

Inúmeras são as correspondências enviadas pelo casal, justificando o que era o show, como se organizava, pois fugia dos padrões de música erudita, folclórica, teatro, danças.... Andanças era a música dos costumes do Brasil, de todas as regiões e épocas num único espetáculo. Difícil era querer "rotular" o show. Para o Maestro Gaya *"Nosso espetáculo tem base folclórica, mas tem música popular. Tem de tudo, desde o sambão, ao lundu, bossa nova, etc. Por isso, acho que ele pode ser enquadrado como música popular; na parte folclórica as cantigas de roda, pregões e lendas são os momentos mais característicos, mas tem também as canções do Caymmi."*⁹

Andanças era a oportunidade de *"romper com o convencional, inventar saídas para as experiências, recordar tempos musicais que independem da moda e, principalmente, contestar e questionar a nossa música; é a proposta, sonho, ideal,"* no entender do Maestro Gaya.¹⁰ Esse sonho foi acalentado e realizado até a sua última apresentação, em Curitiba, em 1985, no Auditório da Reitoria da UFPR. Para o irmão de Stelinha, Arthur, esse *"foi um dos shows mais concorridos que eu vi..., a turma da geração dela estava lá naquele dia... Eu nunca vi você dar um show tão bonito !"*. "-confidenciou à irmã após o espetáculo. E assim encerraram a longa carreira de shows.

Por onde o casal passava, era sempre um sucesso.

A imprensa registrou toda a trajetória artística do casal e as críticas foram as melhores possíveis. A linda voz de S. Egg (com o acompanhamento do Maestro Gaya ao piano) contagiava a todos.



Show de Stelinha Egg em Curitiba

CRÍTICAS À INDÚSTRIA FONOGRAFICA

Stellinha e o Maestro Gaya sempre valorizaram a música brasileira. Para cada show, os ritmos, os sons vindos dos mais diferentes cantos do país eram mostrados ao público. Numa entrevista feita em 1978, para o jornal Zero Hora, de Porto Alegre, o casal "desabafa" sobre o esforço feito para concorrer no mercado fonográfico e também para competir com a televisão. Nessa entrevista, Gaya tece considerações entre a política de governos nacionalistas, como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, e a explosão de ritmos como o baião e a bossa nova. Considerava também que, na época de ouro do rádio, o músico e o maestro arranjador eram muito mais valorizados e que hoje o rádio e a televisão não valorizam a música brasileira.

O mesmo jornal escreve que não é de estranhar que, pelo trabalho contínuo do casal com a música brasileira, tenham gravado mais discos no exterior do que no Brasil, pois a música "folclórica" é de difícil reconhecimento do público. Esses comentários reforçam as críticas de Gaya sobre a dificuldade em divulgar a música brasileira.

UMA CERTA MÁGOA....

Apesar de todo o sucesso no Brasil e no exterior, Stellinha tinha uma mágoa *"nunca recebeu uma premiação ou distinção no Paraná. Há anos que nossas emissoras não a divulgam."* 12

Apesar de ter uma voz privilegiadíssima e ter divulgado o nome e a música do Paraná e do Brasil, até na Rússia, a grande estrela foi homenageada ao final de sua vida com uma rua que leva seu nome, assim como também o Maestro Gaya.

Fm 1990, Leon Barg, editou um álbum com seis músicas do início da carreira de Stellinha, como "Uma lua no céu... outra no mar", de 1944 e "Tapioquinha", primeiras músicas gravadas por ela.

Comparando com o grande espaço que a imprensa nacional e internacional reservou à Stellinha, notamos uma certa ausência na imprensa paranaense. São poucas as notas e notícias guardadas por Stellinha que foram publicadas nos jornais do Paraná, mesmo nos tempos áureos do rádio. A imprensa nacional, as grandes revistas e jornais sempre divulgaram o trabalho de Stellinha Egg, desde o início da carreira, onde tinha um espaço nas seções sobre música, matérias sobre os discos, as viagens que ocupavam páginas inteiras. Espaço digno de uma estrela.

Também são inúmeros os troféus, diplomas e homenagens recebidas no Brasil e no exterior.

A VOLTA A CURITIBA

"Eu sempre voltei porque os meus estavam radicados aqui"(Stellinha Egg) 13

Nos anos 80, após ter encerrado a carreira de shows, o casal mudou-se definitivamente para Curitiba. Apesar da família de Stellinha morar aqui, ela viveu mais tempo no Rio de Janeiro, mas sempre manteve uma relação afetiva com a cidade. Aqui foi a última parada, o que não significou que deixaram de produzir músicas. Segundo o irmão de Stellinha, Arthur, a juventude de hoje já não aprecia esse tipo de música e a audiência aos shows de Stellinha Egg ia diminuindo, o que a fez parar com os shows, com esse tipo de espetáculo.

O Maestro Gaya era considerado um eterno apaixonado por Curitiba.¹⁴ Admirava a limpeza, o ar saudável e a tranquilidade da cidade. Mas o que ele gostava mesmo era de passear pela Rua das Flores e curtir o frio da cidade. A sua paixão por Curitiba pode ser revelada numa frase *"depois de conhecer tantos lugares, a gente descobre que cidades são as pessoas que nelas moram."*¹⁵ Gaya elogiava o interesse cultural dos curitibanos, considerava *"uma força latente, refletida num trabalho feito com amor inexistente em outros centros"*.

Nos últimos anos de sua vida, Gaya retorna com a esposa Stellinha para Curitiba, a convite de Percy Tamplin, do Sir Laboratório de Som & Imagem"¹⁶. Foi contratado para

dirigir a parte musical, e, onde, além de efetuar excelentes trabalhos para trilhas sonoras de vários comerciais, desempenhou grande papel de Mestre da Música. Ensinou e transmitiu seus conhecimentos, criando técnicas, descobrindo novos valores e incentivando a arte e a música a novos músicos. Segundo o próprio Gaya, isto era uma coisa que ele desejava há muito tempo: *"A proposta de certo modo foi fácil de aceitar, já que a família de minha esposa é toda de Curitiba e isso, de certo modo, me puxava, porque constantemente a gente estava aqui, então apenas invertemos, porque, agora, de vez em quando, nós vamos para o Rio de Janeiro"*¹⁷.

Convite

O Sir Laboratório de Som e imagem convida para o ato de reverência a memória do maestro Lindolpho Gaya, a se realizar às 18 horas de 1º de dezembro de 1988.

Programa:
Inauguração da Praça Maestro Lindolpho Gaya
Descerramento da placa

Música ao vivo

Local: Rua Bento Viana, 405 - Curitiba-PR

Convite para inauguração da Praça **Maestro** Lindolpho Gaya

Para Percy Tamplin, foi um privilégio ter o Maestro Gaya como arranjador e compositor do Sir: ¹⁸*"...os músicos que participaram dessa convivência com o Gaya, se enriqueceram muito aqui, ele teve uma contribuição muito grande aqui..."*. Lima das características mais interessantes de Gaya era o modo como ele escrevia suas composições,

fazendo palavras cruzadas, com um cigarro aceso e músicos ensaiando ao lado dele, "e daqui a pouco ele entregava - 'tá aqui sua parte, a partitura está aqui, pras cordas está aqui... - ele deixava o cigarrinho queimando do lado, com o filtro apoiado e o cigarro ficava queimando do lado"¹⁹.

A admiração de Percy pelo maestro era tamanha que ele "balizou" a pracinha na qual Gaya costumava ficar, uma espécie de jardim dentro do Sir Laboratório, com o nome de Praça Maestro Lindolpho Gaya. "Eu acho que ele fez um trabalho aqui que era o que ele queria fazer a vida toda, porque ele não estava muito preso a regias, ele pegava e tocava, fazia o arranjo dele como ele queria, e no final a peça, o trabalho que saía, saía beneficiado e os clientes adoravam (...) Ele era uma pessoa fantástica, antes de ser um músico com talento e genialidade, ele era uma pessoa grandiosa, tinha um coração enorme, era uma pessoa muito boa, com caráter,...uma pessoa que incentivava os músicos jovens. Ele e a Stellinha"²⁰. Ainda segundo Percy, Gaya e Stellinha eram um casal incrível, com um amor invejável, pois eram daqueles que trocavam juras de amor, "se me perguntarem o que se pode contar de um amor eterno, foi o amor dos dois, nunca vi nada tão harmonioso como e/es".

Para Gaya, esse trabalho foi a chance de dedicar-se mais ao seu lado de compositor, já que iria fazer trabalhos com trilhas e jingles: "Aqui, as coisas são solicitadas de uma forma ou de outra, então precisa-se ser de várias formas e jeitos, precisa-se ser muito eclético. Ao mesmo tempo, permite

uma experimentação muito grande com relação a certas coisas da composição"²¹. Outro fator importante para Gaya, é de que ali existia um ambiente de amizade, "quase familiar", "porque o Sir é uma empresa grande com ambiente familiar... acho que o Sir é a única produtora do gênero no Brasil que tem paralelamente os dois trabalhos feitos no mesmo local, tanto de vídeo como áudio", o que, segundo Gaya, era o que dava uma agilidade muito grande.



Piano Utilizado por Gaya no Sir Laboratório

O maestro Gaya e Stellinha Egg deixaram um legado muito grande para Curitiba, pois eles deram mais dignidade para a música, e, além disso, Gaya deixou uma escola de vida e uma escola musical. Gaya era um grande incentivador, nunca se negava a um comentário, e acima de tudo instigava

os jovens músicos que tiveram a oportunidade de aprender com ele, a aprenderem sozinhos, a irem atrás de seus sonhos e a criarem. *"E, para mim, além da amizade que nós tínhamos, que era muito sólida, ele demonstrou uma gratidão de ter-lhe dado a oportunidade de vir para cá, e ele me deixou uma lição de vida, de que a idade, o tempo de vida, é uma segmentação da capacidade de criar melhor, (...) o avançar da idade não limita o poder criativo, pelo contrário..."*²².

Vítima de um derrame, a partir de 85 seus problemas de saúde se agravaram. Surgindo de uma deficiência circulatória associada a enfisema pulmonar, Gaya trabalhou até onde sua doença permitiu.

Gaya tinha planos de escrever um livro sobre os ritmos musicais brasileiros, atuar mais nas oficinas de música do Solar do Barão, ...mas que não se concretizaram. Debilitado pela doença, faleceu em Curitiba em 17/09/87.

Foi considerado um gênio musical, comparado a Duke Ellington ou Count Basie.²³ Apesar de "ter saído de cena", o Maestro Gaya não foi esquecido pela população do Paraná. A Câmara Municipal de Curitiba homenageou-o com o nome de uma rua e o SIR Laboratório deu seu nome a praça dentro da empresa.

Sobre a relação de Stellinha com a vida e os amigos, após a morte de Gaya, a opinião é a mesma, sempre que se pergunta sobre isso aos que tiveram a honra de conhecer esse casal de apaixonados: *"Stellinha morreu aos poucos após a morte de seu grande companheiro".* Stellinha, na sua dor

pela perda do marido, organizou o imenso acervo deixado pelo Maestro Gaya, composto de documentos, papéis, partituras, discos, fotos e outros para formar o Memorial Maestro Gaya. Sempre que ela lembrava dele, não havia como esconder a emoção e as lágrimas. *"Sempre foi assim. Quando se falava em Stellinha, falava-se em Gaya."*²⁴ Ela não sentia mais vontade de viver depois que o Maestro faleceu. Doente, ela não tinha mais alegria de viver. Para o irmão Arthur, *"ela não queria mais viver sem o marido."*²⁵ Não queria seguir o tratamento médico e foi consumida pela doença. Assim, não concretizou o último sonho, que era ver o Memorial Maestro Gaya aberto para os jovens músicos. Em 16/06/91, Stellinha faleceu, mas não se apagou o seu brilho, sua alegria, jovialidade e beleza.

MAESTRO GAYA - O Maestro da MPB



Maestro Gaya

O COMEÇO

Lindolpho Gomes Gaya, o "maestro da MPB", como ficou conhecido, nasceu em 06 de maio de 1921, em Itararé, interior de São Paulo. Filho de José Maria Gomes Gaya (o seu Juquinha) e de dona Leocádia Brobowisky, de origem polonesa. Eram apenas dois irmãos, o Dudu (como Gaya era

carinhosamente chamado por seus familiares e seus conterrâneos) e Basílio.

Aos nove anos de idade, Gaya, o Dudu, iniciou seus estudos de piano. Seus primeiros passos para o mundo da música foram iniciados pela professora Filomena Melillo, irmã dos músicos João Hélio e Paschoal Melillo. Assim, toda tarde, Dudu se dirigia ao "Teatro Central" com o método debaixo do braço, *"muitas vezes empurrado pela energia de seus pais, pois, devido à pouca idade, não entendia quais os efeitos que seus conhecimentos peia música pudessem lhe trazer para o futuro"*²⁶. Seu primeiro piano havia sido de dona Dirce B. A Jorge.

Maestro Gaya fez o primário na escola "Tomé Teixeira", e seus estudos secundários no Colégio Franco Brasileiro, em São Paulo, onde cresceu seu interesse pela música, pois tinha uma professora que realizava muitos shows, apresentações em aniversários, festinhas, onde tomava parte como pianista. Quando terminou o ginásio, foi para a Escola Militar do Rio de Janeiro, mas, não tendo o mesmo êxito, teve que voltar para Itararé.

Cidade pequena para Gaya, em termos profissionais, Itararé não lhe oferecia nenhuma condição, mas, mesmo assim, prosseguiu organizando shows e outras apresentações junto com Paschoal Melillo e João Helio. Enquanto esteve em Itararé, foi um grande defensor do Clube Atlético Fronteira, na posição de zagueiro. Com estilo próprio, os adversários quase sempre perdiam *"devido às safadezas, ao malabarismo dele com a*

*bola"*²¹. Em campo, ofuscava o brilho dos demais jogadores. Ceita vez, enquanto treinava no Palmeiras, teve que ser tirado de campo para não prejudicar certo jogador de renome, que havia sido contratado pelo seu clube. Nessa época, foi considerado campeão da zona sul, pelo Fronteira. Assim, Maestro Gaya, o Dudu, mostrou a Itararé que além de talento musical, também tinha talento como jogador. Conforme declarou ele mesmo em entrevista à Tribuna da Imprensa, em 11 de setembro de 79: *"naquele tempo, ninguém imaginava que se pudesse viver de música. A idéia era escolher uma profissão e estudar música como hobby, o que me fez perder tempo em outras atividades. Tocava piano desde os 7 anos e, com 12, vim para o Rio estudar composição e arranjo no Conservatório de Música, mas sem maiores pretensões"*²⁵. Outra faceta do maestro era seu forte para o xadrez, através do qual chegou certa vez a ser campeão pelo Fluminense, nessa mesma época.

Gaya havia treinado a chamada "transposição", que é o exercício de tocar em todos os tons uma mesma melodia; portanto não encontrava dificuldades em encontrar trabalhos como acompanhante em programas de calouros. Quando vieram os primeiros contratos como pianista e arranjador na Rádio Clube, Tupi e Nacional, Gaya sentiu-se seguro para deixar o emprego de funcionário do Banco Boavista. Formou seu primeiro conjunto para atuação nas boates Montecarlo e Casablanca, e, em 46, fez os primeiros arranjos para a RCA ²⁹.

Intro p. Piano de GAYA

This page contains the handwritten musical score for the piano introduction of the piece 'GAYA'. It consists of seven systems of music, each with a grand staff (treble and bass clefs). The notation includes various rhythmic values, accidentals, and dynamic markings. The piece begins with a piano (p) dynamic. The score is written in a clear, legible hand.

This page contains the main body of the handwritten musical score for 'GAYA'. It features five systems of music, each with a grand staff. The notation is dense, with many notes and rests. The piece concludes with a double bar line and a final chord. At the bottom of the page, there is a copyright notice: 'Copyright 1958 by Gaya'.

Partitura do Maestro Gaya de 1958

A TRAJETÓRIA

Compositor e pesquisador de música brasileira, arranjador, regente e pianista, maestro Gaya produziu, como arranjador, para os principais estúdios de gravação como a RCA-Victor, Odeon, Philips, Elenco e outros. Destacou-se no lançamento da "Bossa Nova". Defendia esse "novo jeito de tocar" a música brasileira, no final da década de 50, junto com outros maestros como Lírío Panicalli e Moacir Santos. São suas as composições para orquestra do LP "Amor de Gente Moça", com músicas de Antônio Carlos Jobim, hoje considerado um clássico do gênero. Anos antes, havia orquestrado o disco de estréia de Marisa Gata Mansa, "Você esteve com meu bem", que teve participação do violonista João Gilberto, que na época passou despercebido.³⁰

Como compositor, Gaya fez músicas para filmes no Brasil e Europa, composições populares, gravadas por artistas do Brasil e no exterior. Para o show "Rio de 400 janeiros", apresentado no Grill-Room do Copacabana Palace, como parte dos festejos comemorativos ao IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, Gaya compôs a música, fez os arranjos e regeu o show. A música da peça infantil "Contos de Rua", de Pascoal Longo, também foi feita por Gaya. Essa peça foi encenada no Teatro Copacabana e nos Estados Unidos.

Por 45 anos, o maestro Gaya, além de ter produzido para os principais estúdios de gravação, realizou arranjos de sambas de maiores sucessos nos carnavais e da

música popular brasileira em geral. Atuou com grandes nomes, como Silvinha Telles, Orlando Silva, Ivon Cury, Elizeth Cardoso, Bando da Lua, António Carlos Jobim, Dick Farney, Chico Buarque de Hollanda, Taiguara, Maria Bethânia, Elis Regina, Paulinho da Viola, Roberto Carlos, Egberto Gismont, Nara Leão e muitos outros.

Classificou-se com a canção "Brasil" (s/d), em 1º. lugar, e o choro "Champanhota", em 3º. lugar, no concurso de Música Popular Brasileira, realizado pelo jornal "O Globo" e a revista "Radiolândia", onde concorreram compositores importantes da época, tendo recebido os prêmios numa festa realizada pelos organizadores do concurso, no Maracanã.

No Festival Internacional da Canção, Gaya atuou como juiz na seleção das mil oitocentos e setenta canções que concorreram, fazendo a maioria dos arranjos e aluando como regente nas três etapas das partes Nacionais e Internacionais por três anos consecutivos. Na sala Cecília Meirelles, num espetáculo da Ordem dos Músicos do Brasil, Gaya apresentou a peça musical de sua autoria "Ostinato Tetrafônico". Com os arranjos de "O Vento" e "O Mar", composições de Dorival Caymmi, interpretadas por sua esposa Stellinha Egg, Gaya recebeu o prêmio de "Melhor Disco do Ano", que lhe resultou numa viagem por 12 países da Europa e 36 cidades da Polónia.

Regeu, em Varsóvia, a Filarmónica local, no Palácio da Cultura e no Teatro La Gwardia. Assistiu concertos na casa onde nasceu Chopin, como convidado especial do Governo da Polónia. Recebeu medalha de ouro e carteira de hóspede

de honra do governo polonês, no Congresso de Folclore realizado em Varsóvia, onde atuou como juiz no concurso de instrumentos populares, em que se apresentaram 126 países na Festa da Juventude.

Gaya foi diretor musical do filme "Bela Aventura", na França, estrelado por Stellinha Egg, sobre temas e motivos brasileiros, filmado em Epinau Sur Seine, numa produção de Robert Mariaux. Chegou a fixar residência em Paris por algum tempo, e trabalhou para a organização de gravações de Ray Ventura, compondo arranjos para LPs de músicas brasileiras e sul-americanas. Realizou um 33-rpm de 21' de duração, sobre temas brasileiros, intitulado "Chants Folkloriques Brésiliens", interpretado por Stellinha Egg, o que lhe valeu críticas da revista especializada "Disques", onde trabalham os profissionais mais credenciados da Europa.

Em Portugal, Gaya escreveu e dirigiu arranjos para a gravadora RCA-Victor, distribuídos pela "Voz do Dono" em toda a Europa. Também apresentou-se em espetáculos populares, em diversas boates e na Emissora Nacional. Em Lisboa, fez apresentações no Teatro Maria Mattos e na televisão, onde foi homenageado pela grande pianista Maria João.

Regeu, em Moscovo, a grande orquestra do Teatro Strada, na Sala Tchaikovski e na Cidade Universitária. Fez apresentações, como regente e pianista, numa temporada de um mês e meio no espetáculo "Bem Vindos a Moscovo". Gaya apareceu no filme "Folclore de cinco países", de Alexandrow, tocando chorinhos de sua autoria e arranjos de uma seleção de músicas brasileiras.

Gaya e Stellinha foram alguns dos primeiros artistas brasileiros a se apresentar em países socialistas.

GAYA E O BRASIL

A competência de Gaya era conhecida por vários artistas. Chico Buarque chegou a escrever na contra capa de seu 3º LP: *"O maestro foi me entendendo, foi me acompanhando, foi me acrescentando, enquanto a sua Stellinha preparava o nhoque"*³¹. Em meados dos anos 70, no palco do Canecão, RJ, Chico Buarque, Elis Regina, Caetano, entre outros, posicionavam-se para o ensaio de um show especial, dirigido por Bibi Ferreira. Conta-se que, durante o ensaio Bibi estava insatisfeita com o "vazio" do espaço musical das apresentações, quando Chico Buarque sugeriu: *"Chame o Gaya"*. A sugestão de Chico correspondia exatamente à ansiedade de Bibi, que conhecia a importância das cordas e dos metais no preenchimento daquele vazio. A presença de Gaya era constante e indiscutível, nessa época³².

A importância de Gaya dentro da música brasileira nos anos 40/60, pode-se ver, foi bastante reconhecida, visto que aglutinou o melhor elenco dos jovens que modificaram os rumos da música brasileira. Fez vários LPs como organista, pianista e arranjador. Gaya esbanjava criatividade, sempre explorando novas harmonias e novos ritmos. Nada convencional, Gaya sempre esteve livre de dogmas, evoluindo constantemente. Versátil, fez arranjos para discos com histórias infantis com a mesma categoria com que regia a Filarmônica de Varsóvia, ou com que preparava gravações para músicas de carnaval. Chegou a criar para a TV Rio - Canal 13, um programa de música brasileira em que se apresentava, por um sistema de superposição, *"aspectos do Brasil em filmes,*

*de acordo com o ambiente das canções interpretadas por Stellinha"*³³. Apresentou-se com o mesmo programa durante um ano na TV Continental/canal 9 e em temporadas pelas principais televisões do país.

Maestro Gaya, em seus 66 anos de vida, lutou sempre com garra invejável pela realização de seus sonhos³⁴. Para OS que o conheceram, problemas e obstáculos não existiam para ele. Um exemplo de modéstia e força de vontade, suas obras perpetuam sua personalidade e suas características.

GAYA E A MPB

Mesmo sem saber, Gaya alguma vez passou por nossos ouvidos. Sinal Fechado, de Paulinho da Viola é um dos grandes sucessos arranjados e orquestrados pelo maestro. Em 1966, Gaya ajudou Dori Caymmi a conquistar o Iº lugar no Festival Internacional da Canção do Rio, em sua fase nacional criando o desenho rítmico de 'Saveiros', interpretado por Elis Regina. Entre outros sucessos pode-se citar 'Travessia', de Milton Nascimento, 'Insensatez', de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, 'Marcha de Quarta-Feira de Cinzas', de Carlos Lyra e Vinícius de Moraes, 'Deus nos livre do castigo das mulheres', de Sinhô, 'Isto eu não faço', de Tom Jobim. Vários sucessos de Taiguara também tiveram arranjos e orquestração de Lindolpho Gaya,

como 'Maria do Futuro'³⁵. Aliás, vale lembrar que o primeiro disco de Taiguara foi lançado com a ajuda do maestro.

O maestro Lindolpho Gaya também assinou a direção musical de vários espetáculos. No Canecão, por exemplo, foi diretor da comédia musical "Deus lhe pague", com adaptação de Millôr Fernandes, do original de Juraci Camargo, com Walmor Chagas, Marília Pêra, Marco Nanini e Marcos Paulo. A trilha musical, de Edu Lobo e Vinícius de Moraes foi orquestrada por Gaya³⁶.

ABC DE STELLINHA E GAYA

Stellinha e Gaya ganharam vários prêmios e troféus, no Brasil, receberam:

Disco de Ouro- pela divulgação da música brasileira no exterior;

Estatueta Euterpe - 4 anos seguidos, conferido pela Secretaria Geral da Educação e Cultura do Distrito Federal;

Medalha Estácio de Sá- 3 anos seguidos, conferido pelo Instituto Histórico do Rio de Janeiro, pelas melhores realizações folclóricas em LPs;

Medalha de Honra - conferida pela União dos Escoteiros do Brasil pelas gravações das cantigas do Brasil;

Medalha de Ouro - com a gravação de "O Vento" e "O Mar", recebida no Programa dos Melhores da TV Tupi;

Disco de Ouro — prêmio do Jornal "O Globo", pela interpretação de "O Vento" e "O Mar", em gravação;

Cartão de Prata - programa "Sua Majestade, O Cartaz", do Canal 7, São Paulo - Televisão Record;

Cartão de Prata - Rádio Nacional do Rio de Janeiro, levando ao ar a história da sua vida junto com Stellinha Egg;

Diploma do Festival Internacional da Canção Popular no Rio de Janeiro, conferido pelo Governador do Estado;

Diploma - melhor arranjador pela Rádio Ministério da Educação;

O Guarani- melhor arranjador pelos cronistas de São Paulo;

Galo de Ouro- Gaya foi o primeiro maestro a receber o Galo de Ouro.

Medalha de Ouro e Carteira de Hóspede de Honra do Governo Polonês no Congresso de Folclore, em Varsóvia;

As últimas apresentações ocorreram em Curitiba, no Teatro Paiol, Teatro Guaíra e no Auditório da Reitoria da Universidade Federal, em outubro de 1985.

FONTES DE PESQUISA

Entrevista gravada por Stellingha Egg, na Casa da Memória de Curitiba, em 18.08.1983;

Entrevista gravada por Stellingha Egg, s/d, no MIS - PR;

Entrevista gravada por Arthur Acastro Egg, em 16.04.1998, no MIS-PR;

Entrevista gravada com Percy Tamplin, em 01.07.1998, no MIS-PR;

Dados autobiográficos escritos por Stellingha Egg, constando do acervo do MIS - PR;

Jornal Correio Brasiliense, de 06.06.1978;

Jornal Tribuna da Imprensa, de 11.11.87;

Jornal Gazeta do Povo, de 20.06.87; 08.04.1990; 24.05.1998;

Jornal Estado do Paraná, de 29.03.1984; 08.04.1991;

Jornal Tribuna de Itararé, 09.11.1983;

Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 16.07.1978;

Revista Marketing, no. 138, do mês de abril de 1985;

Programa Especial Lindolpho Gaya, Rádio Educativa do Paraná, dias 25 e 26.05.1998;

Documento da Câmara Municipal de Vereadores de Curitiba, Lei 6.881 -Justificativa de denominação de Logradouros Públicos, de 10.04.1990.

NOTAS:

- ¹ - Depoimento de Stellingha Egg, gravado em 1983, na Casa da Memória de Curitiba.
- ² - Conforme entrevista de Stellingha Egg gravado no MIS.
- ³ - Depoimento gravado por Stellingha Egg, em 1983, na Casa da Memória - Curitiba.
- ⁴ - Entrevista gravada pelo MIS com o Sr. Arthur A. Egg, em 1.6/04/98.
- ⁵ As referências dos jornais estrangeiros com os elogios à artista constam de documento autobiográfico escrito por Stellingha Egg.
- ⁶ - Dados de documento autobiográfico elaborado por Stellingha Egg.
- ⁷ - Em entrevista publicada no Correio Brasiliense de 06/06/78
- ⁸ - Conforme entrevista de Stellingha Egg ao Jornal Correio Brasiliense em 06/06/78.
- ⁹ - Palavras do Maestro Gaya em entrevista ao jornal Tribuna da Imprensa, de 25/04/77.
- ¹⁰ - Ibidem. %
- ¹¹ - Entrevista gravada pelo MIS com o Sr. Arthur A. Egg, em 16/04/98.
- ¹² - Gazeta do Povo, Curitiba, 08/04/1990.
- ¹³ - Em depoimento gravado na Casa da Memória, em 18.8.83.
- ¹⁴ - Matéria divulgada no Jornal Estado do Paraná, de 29/03/84, p. 9.
- ¹⁵ - Ibid. 14
- ¹⁶ Conforme depoimento de Percy Taniplin.
- ¹⁷ Revista Marketing, no. 138. Abril/1985.
- ¹⁸ Entrevista com Percy Tamplin, no Sir Laboratório. MIS, 01/07/98.
- ¹⁹ Ibid. 18
- ²⁰ Ibid. 18
- ²¹ Ibid. 18

- ²² Ibid. 18
- ²³ - Conforme matéria publicada na Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 11/11/87.
- ²⁴ - Stellingha Egg, em 08/04/91, no jornal O Estado do Paraná.
- ²⁵ - Entrevista gravado pelo MIS com o Sr. Arthur A. Egg, em 16/04/98.
- ²⁶ Tribuna de Itararé, col. Nossa Gente - Nossa Terra, 09/11/83.
- ²⁷ Ibid. 26
- ²⁸ Tribuna da Imprensa. Tribuna Bis, 11/11/87, RJ.
- ²⁹ Ibid. 26
- ³⁰ Especial Lindolpho Gaya. Rádio Educativa do PR. 25 e 26/05/98, Curitiba.
- ³¹ Especial Lindolpho Gaya. Rádio Educativa do PR. 25 e 26/05/98. Curitiba.
- ³² Ibid. 31
- ³³ Col. Porta retrato - Gazeta do Povo, 20/06/87. Curitiba.
- ³⁴ Câmara Municipal de Curitiba. 10/04/1990. Lei 6881, sobre denominação de Logradouros Públicos.
- ³⁵ Ibid. 31
- ³⁶ Ibid. 31

CADERNOS DO MIS

- 01.O tropeiro
02. O caderno de Dona Selmira
03. Cachorro não! Chichorro
04. 1º Fórum Nacional de Museus da Imagem e do Som
05. Antigo prédio do governo
06. CI(S)NE - Lelio Sotto Maior Júnior
07. Bento fala sobre o Paraná
08. Rodolfo Guercke, fotógrafo
09. Pequeno vocabulário indígena -José J. C. da Silva
10. Tadeu Morozowicz
11. O caderno de Dona Isaura
12. Filmes vistos e anotados - Francisco Bettega Netto
13. Helena Kolody, poetisa
14. A história da PRB-2 Programa radiofônico de Paulo de Avelar
15. Maria Conceição Rocha, fotógrafa
16. Fim de baile, músico a pé
No compasso do capitalismo musical - Selma Baptista
17. O automóvel 117, um roteiro cinematográfico
18. Precursores do cinema contemporâneo - Lelio Solto Maior Júnior
19. Fernando Severo - cineasta e videomaker
20. No giro da Manivela - Zito Alves
21. Stelinha Egg